

registraram-se 27 ferimentos graves e 25 leves. Esse era o ambiente em que os pasquins tomariam vulto. Moreira de Azevedo compreendeu “a aparição desses periódicos veementes, insultuosos, lembrando represálias, excitando o patriotismo e tratando de aumentar o ardor, a luta dos partidos, luta que mui breve devia trazer grande mudança à política do país”. A linguagem virulenta não era de uso apenas nas folhas de oposição. Armitage, observador desapassionado, mencionou que “os jornais ministeriais eram pelo menos tão repreensíveis como os seus antagonistas; costumavam advogar não só doutrinas contrárias ao sentido da Constituição, como lançar grosseiros e repetidos insultos a quase todos os membros da oposição”. Evaristo da Veiga confessaria que “a maior parte dos jornais que possuímos (e nessa parte também nos confessamos culpados e arrastados pela força da tormenta) mais invectivam do que argumentam”. Um viajante inglês, Fox Bunbury, esclareceria: “A liberdade de imprensa é garantida pela Constituição e, praticamente, é apenas cerceada pela *liberdade da faca*, a qual (apesar de não ser reconhecida pela Constituição), existe, assim mesmo, de maneira muito considerável”.

O pasquim de 1833, *O Grito dos Oprimidos*, apresentava o seguinte quadro da agitação que varria o país: “Fala-se que, no Ceará, se ateia novamente a guerra, porque o presidente mandou processar e prender os sectários de Pinto Madeira, que o honrado Labatut, em nome da Exma. Regência, anistiou para poupar o sangue brasileiro; que, em Pernambuco, está iminente a guerra civil; que, nas Alagoas, correm rios de sangue; que, na Bahia, Espírito Santo, Rio Grande e São Paulo tem sido perturbado o sossego público; e que, em Goiás, até se chegou a metralhar o povo dentro da igreja, e de tudo se faz um mistério para o povo!” Foram, assim os males do meio e do tempo, agravados e alastrados às vezes, traduzidos na violência como norma e na injúria como moeda corrente, responsáveis pela fisionomia apresentada pelo pasquim. Tal fisionomia foi traço geral, igualou os que defendiam o governo e os que faziam oposição. Operavam com igual fúria, com a torpeza elevada ao nível de norma, com a falsidade utilizada como instrumento de luta, com o insulto estabelecido como meio de ação. Tudo era imediato ou rápido – a preparação, o acontecimento, os efeitos. Tramavam-se na sombra golpes políticos os mais curiosos e originais. Reunidos em chácaras, em casas retiradas, em lugares do interior do país por vezes, os políticos estabeleciam condições de combate e termos de mudanças administrativas. Contra essas normas, prevenindo tais alterações, as folhas do outro lado que, vigilantes, sentiam a ameaça, explodiam no vitupério, inventando aquilo que não podiam conhecer ou antecipando eventos que, em alguns casos, não tinham sido previstos ou preparados. O pas-